

SEGUE O BOI

Ainor Francisco Lotério

Engenheiro agrônomo, técnico agrícola, mestre em Gestão de Políticas Públicas, Instituições, Cultura e Sustentabilidade, teólogo, filósofo e extensionista rural, com décadas de experiência e atuação na linha do agro.

Uma reflexão sobre a ruminação como processo de cura, inspirada nos quatro estômagos do boi e nas quatro fases da mente humana diante da dor e da transformação.

Na lida do campo, o boi que para de ruminar é boi doente. O que se distrai da pastagem poupa até saliva, mas o rúmen sem trabalho vira problema, não alívio. O bom pasto exige ruminação: mastigar de novo o que já foi engolido, quebrar fibra por fibra até virar algo que o corpo aproveita.

O boi tem quatro estômagos, e cada um faz sua parte nesse trabalho. No rúmen, o alimento chega bruto, misturado à saliva e à fermentação, ainda parecido com o que era quando foi colhido. É o primeiro contato, o impacto recebido inteiro, sem filtro. No retículo, o bolo já mastigado é separado e organizado, as partes maiores voltam à boca para nova mastigação. É a fase de reconhecer o que ainda pesa, o que precisa ser remoído de novo antes de seguir adiante. No omaso, a água é absorvida e o material se compacta, perde volume, começa a virar outra coisa. E no abomaso, o verdadeiro estômago, ácido e enzimas terminam o trabalho, extraem o que serve e preparam o resto para sair como esterco, como adubo.

A mente humana também tem seus quatro estômagos. O primeiro é o do impacto, quando a dor chega crua, um gesto, uma palavra, um engano que fere e cai inteiro dentro de nós, tal qual o pasto recém colhido no rúmen. O segundo é o do reconhecimento, semelhante ao retículo, quando a consciência devolve aquilo à boca da reflexão, mastiga de novo, examina o que doeu e por quê, sem pressa de engolir em falso. O terceiro é o da decantação, como no omaso, quando o excesso de água, o exagero, a raiva inflada, a vitimização, vai sendo absorvido, e o que sobra começa a se compactar em alguma compreensão mais enxuta. O quarto é o do aproveitamento, como no abomaso, onde o que ainda serve vira aprendizado, e o resto se transforma, sai como esterco para adubar o solo da vida que continua.

Tem gente que trata a ruminação como praga, quer arrancar do peito tudo que perturba sem dar tempo ao processo, e a mágoa fica crua, empedrada, presa no primeiro estômago sem nunca passar adiante. Outros fazem o oposto: ficam remoendo sem fim, o mesmo bolo alimentar dando voltas e voltas no segundo estômago, sem nunca alcançar o terceiro e o quarto, sem nunca virar esterco. Isso também adoece, é ruminação presa, sem saída.

Segue o boi é o meio termo que o campo ensina: rumina, sim, passa pelos quatro estômagos, mas caminha. O boi que rumina bem não fica parado olhando para dentro do próprio rúmen, pasta em movimento, cabeça baixa, passo lento, e o processo interno acontece justamente porque a vida segue lá fora. A digestão da dor funciona assim: não se resolve parando o mundo para remoer, se resolve deixando os quatro estômagos da mente trabalharem enquanto os pés continuam andando.

No fim, o que foi mastigado várias vezes, o que passou pelas quatro fases da alma, sai transformado, vira adubo, vira força para o próximo pasto. E o boi, sem rancor nem pressa, segue.

Fontes e dados também disponíveis no portal do autor, www.loterio.com.br. Contatos para palestras, rodas de conversa e outros momentos em eventos através do e-mail ainorfloterio@gmail.com e do WhatsApp (47) 99967-5010.